

SOCIEDADE
DE CULTURA
ARTISTICA

66.^o
Sarau

no

*Theatro
Municipal*

TRISTÃO
E ISOLDA

DRAMA LYRICO DE

RICARDO
WAGNER

*5.^a Feira
4 de Outubro
1917*

Tristão e Isolda

Drama lyrico em 3 actos de Ricardo WAGNER

Orchestra dirigida pelo Commendador Gino Marinuzzi

Distribuição

TRISTÃO	C. MAESTRI
ISOLDA	T. BURCHI
REI	C. MELOCCHI
KURNEVALDO	COM. E. GIRALDONI
MELOT	DE FRANCESCHI
BRANGANIA	FANNY ANITUA
UM PASTOR	POLTRINIERI
UM MARINHEIRO	CORTS

UM PILOTO, MARINHEIROS, CAVALLEIROS, ESCUDEIROS,
DAMAS, PAGENS, ETC.

DIRECTOR DE SCENA: CAV. ROMEO FRANCIOLI

*Sociedade
de Cultura Artistica*

66.º Sarau

no

Theatro Municipal

Tristão e Isolda

Drama lyrico de RICARDO WAGNER

QUINTA-FEIRA, 4 DE OUTUBRO DE 1917

Tristão e Isolda

*I*solda, princeza de Irlanda, fôra outróra noiva de sire Morold, cavalleiro irlandez, que, indo guerrear em Cornouailles, encontrou a morte em um combate com Tristão, sobrinho do rei Marke. O adversario pouco generoso teve a cruel ironia de enviar a cabeça de sua victima á princeza, que descobriu na ferida profunda uma estilha de aço proveniente da arma do assassino.

Mas Tristão, no correr da luta, foi attingido pela lamina envenenada de Sire Morold e a ferida permaneceu aberta; lembra-se então de que a jovem soberana de Irlanda possui o segredo dos balsamos preciosos, unicos capazes de curar o seu mal, e se decide a lhe pedir o soccorro da sciencia.

Faz-se conduzir em uma barca, moribundo, até á Irlanda, e, apresentando-se como um desconhecido a Isolda, sob o nome de "Tantris", implora a sua assistencia. A jovem princeza, emocionada pelos soffrimentos do moribundo, trata-o com devotamento; mas um acontecimento imprevisto faz com que um dia descubra a verdade: a espada de "Tantris" é a que deu a morte a seu noivo, pois em sua lamina ha uma falha a que se

ajustava exactamente o fragmento de aço encontrado na ferida de Morold.

Indignada, Isolda brande a arma sobre a cabeça do impostor. Vai desferir o golpe fatal, quando os seus olhos se encontram. O olhar de Tristão supplica, e Isolda perdoa-lhe. A todos ella occulta o segredo que descobriu. Tristão voltará são e salvo ao seu paiz e libertará a princeza de sua vista odiosa. O cavalleiro parte, depois de ter protestado seu reconhecimento e sua dedicação; mas, ó trahição! elle volta, a breve trecho, com o seu verdadeiro nome, o de Tristão, e rodeado de um luxuoso apparatus, para pedir a mão da jovem para seu tio o rei Marke. Os parentes de Isolda acceitam a alliança para a sua filha, que, por obediencia, deve partir conduzida pelo cavalleiro para os Estados de seu futuro esposo.

Entretanto, a sua alma está secretamente minada pela dôr: pois aquelle heróe que ella salvou e que a trahiou tão indignamente, suppunha enamorado seu, e o ama sem o confessar, a despeito do passado sangrento que se levanta entre os dois.

Tal é a situação quando o panno se levanta para o primeiro acto.

Esboçal-o-emos, assim como os outros dois, a largos traços e com toda a brevidade. As situações são simples, e as peripecias pouco numerosas no poema de Tristão. Todo o interesse do drama reside nos estados d'alma das personagens. Como explical-os sem attenuar a empolgante emoção que proveca entre os espectadores? Não será melhor deixar que cada qual a perceba e a sinta, segundo sua propria natureza, do que a revelar, insistindo inutilmente sobre os detalhes de ordem puramente psychologica?

I ACTO

SCENA I. — Isolda está a bordo do navio que a conduz a Cornouailles. Uma tenda formada de ricas tapeçarias ergue-se sobre o convez e fecha completamente o fundo. A princeza está estendida sobre um leito de repouso. A melancolica canção que um marujo entôa no convez a irrita, e procura então, desesperadamente, saber, da sua serva Brangania que a acompanha, se a terra está proxima e se a viagem toca ao seu termo.

SCENA II. — A princeza envia a sua companheira, ordenando a Tristão que appareça diante de si. Desde o começo da travessia, elle a evita com persistencia, esquecendo assim todos os beneficios que deve á sua soberana. Brangania leva a ordem de sua senhora ao cavalleiro, que, profundamente perturbado ao ouvir pronunciar o nome de Isolda, recobra logo a presença de espirito e se recusa, com respeito e firmeza, a deixar o leme do navio confiado á sua guarda.

SCENA III. — Brangania traz á sua senhora a resposta do cavalleiro, e Isolda, dominada então pelo seu grande desgosto, revela á sua companheira uma parte de seu segredo, conta-lhe os cuidados desvelados que tivera outróra para com Tristão que tão mal a tinha recompensado pela piedade que lhe devotara. Occultando a verdadeira causa de sua dôr, revolta-se á idéa de se tornar a esposa do principe de Cornouailles, que julga indigno de sua gloria, ella cuja corôa de Irlanda lhe cinge a fronte. Brangania procura em vão acalmal-a e justificar a conducta de Tristão, que, na sua opinião, brilhantemente pagara a sua divida de gratidão fazendo-lhe presente de um reino tão bello como o de Cornouailles. Isolda fica pensativa, e falando comsigo mesma, deplora estar condemnada ao supplicio de viver sempre com um ente ao qual não saberia inspirar amor.

E' em Tristão que ella pensa; mas Brangania, mal comprehendendo o sentido de suas palavras, a induz, caso não fosse bastante amada pelo rei Marke, a recorrer aos philtros maravilhosos que sua mãe, a rainha de Irlanda, lhe entregara na hora da partida. Um delles havia que submette infallivelmente, aquelles que o bebem, á força do amor. Isolda acolhe com uma sombria resolução o conselho de sua companheira e manda que ella lhe traga o precioso cofre contendo as magicas bebidas. Mas não é o philtro amoroso que escolheu; era mister um outro mais forte ainda e ella se apodera do frasco cheio do licor da morte. E' este que ella dará a beber a Tristão.

SCENA IV. — E' preciso apressar-se, pois a tarde está proxima: avista-se já o pavilhão da alegria que fluctua na torre do castello real. Kurvenaldo, o escudeiro fiel do cavalleiro, vem annunciar a entrada do porto. Isolda então marca a Tristão um momento de palestra e ordena á aterrorisada Brangania que deite em uma taça a bebida fatal. Em vão a serva desvairada tenta desvial-a do seu tragico designio; Isolda ordena, imperiosa, e faz um violento esforço para parecer calma á chegada de Tristão, que se apresenta respeitosamente diante della.

SCENA V. — Ambos se contemplam longamente em silencio. Isolda, depois de ter reprehendido pelo afastamento em que se manteve durante a viagem, lembra-lhe a divida de sangue que existe entre ambos e que ella não esqueceu: não perdoou a morte do seu noivo; e já que nenhum homem se apresentara para vingar o morto, a ella compete ferir o culpado. Tristão ouviu-a, pallido e sombrio. Apresenta-lhe o punhal e está prompto a morrer.

Oh! não — diz-lhe Isolda — não é possivel privar o rei de seu mais fiel sustentaculo, aquelle ao qual deve o titulo e a corôa. E, se uma vez já perdoou o assassino

de Morold, deve-o ainda perdoar. Que elle beba, pois, na taça da reconciliação e do esquecimento. Emquanto os marujos soltam gritos de alegria á approximação da terra, Brangania fôra, cambaleante, preparar o philtro fatal. Isolda arranca-lhe a taça e, com as proprias mãos, a entrega a Tristão.

Tristão, que descobrira os sombrios designios de Isolda, toma resolutamente da taça que o libertará dos males de que seu coração está cheio. Leva-a aos labios e bebe; mas Isolda arrebatá-lhe a taça e acaba então de esvasial-a e depois a atira para longe.

Ambos, presas de uma emoção intensa, contemplam-se em extasis, á espera do momento supremo. Seus olhos não procuram mais esconder o segredo que devora as suas almas. Elles cahem um nos braços do outro e permanecem longamente enlaçados, ao passo que Brangania, esquivando-se, prostrada, começa a medir o alcance do seu erro voluntario: o philtro da morte ella a substituíra pelo philtro do amor!... Os dois amantes, perdendo o sentimento da realidade, estão entregues a uma mutua contemplação. Mal se apercebem do movimento que se produz em torno delles á chegada do porto. Isolda veste machinalmente o manto real. Brangania, para se fazer lembrada, lhe revela então, com desespero, a fatal substituição que ousara operar. Tristão e Isolda entreolham-se transtornados; Isolda cahe desmaiada nos braços de sua serva, emquanto a equipagem acclama alegremente a chegada do rei a bordo do barco.

II ACTO

SCENA I. — O limiar da morada de Isolda, dando accesso, por meio de degráos, a um parque onde se vêm grandes arvores, numa noite de verão clara e radiosa. Uma tocha accesa está collocada perto da porta.

Ouvem-se, ao longe, as trombetas de caça que se extinguem pouco a pouco e as quaes Brangania, em pé sobre os degraus, escuta attentamente. Isolda, tomada de uma grande agitação, sahe dos seus aposentos e interroga sua serva. Ella espera impacientemente que a caçada real se afaste do palacio para dar o signal que conduzirá Tristão a seus pés. Mas Brangania suppliche que seja prudente: ella suspeita de laços armados em torno dos dois amantes e suspeita sobretudo de Melot, que, desde a primeira hora, quando o rei viera ao convez do navio receber a sua noiva, observava a attitude agitada de Tristão e de Isolda e pode assim descobrir a causa da perturbação que reinava em suas almas. Depois os espia constantemente e aquella caçada nocturna, organisada sob a sua direcção, deve esconder a armadilha, occultar alguma perfidia. Apesar dos protestos da rainha, que tem uma fé cega na fidelidade de Melot, o confidente e o amigo de Tristão, Brangania desespera-se pela propria desobediencia que a levou a substituir o philtro da morte pelo philtro do amor. Fôra melhor o sombrio e rapido desenlace que essas crueis angustias. Ella accusa-se amargamente por todos os males que possam advir á sua senhora.

— Não, diz-lhe esta, Brangania não é culpada. Minne (*) fez tudo. Foi ella, a quem a vida e a morte estão submettidas, quem transformou o odio em amor. Isolda é, de hora em diante, sua vassala, e supportará cegamente os seus decretos. Apesar dos conselhos de Brangania, que a exhorta á prudencia, ella arranca a tocha e a apaga sobre o chão: é o signal convencionado com Tristão. Brangania volta-se consternada, e sobe lentamente a escada que conduz á varanda da casa.

(*) Personificação mythologica do Amor e protectora dos amantes.

Isolda, então, observa a estrada, procurando ver na escuridão. Emfim, os seus gestos indicam que avistou o bem amado. Sua emoção chega ao auge.

SCENA II. — Tristão entra impetuosamente. Precipitam-se um nos braços do outro, num impulso apaixonado. Seus corações transbordam de amor e de contentamento; maldizem a luz do dia, tão hostil á sua felicidade. Não foi o dia que conduziu Tristão á Irlanda, afim de solicitar Isolda para o rei Marke? O dia ainda que, banhando o cavalleiro de um falso clarão, o tinha feito apparecer digno de odio áquella que já o queria do fundo do coração?... Ah! pudessem os dois amantes sepultar-se para sempre nas doces penumbras da noite e da morte, que uniriam as suas almas, e indissolvelmente os seus destinos!... Assentaram-se em um banco florido, e assim ficam longamente enlaçados, evocando a morte tão ardentemente desejada por elles.

Emquanto absorvidos no seu extasis, deixavam voar as horas e perdiam a noção do tempo, Brangania, que vela no alto da varanda, os avisa que o dia temido se levanta e traz, com elle, o perigo. Por duas vezes ella os arranca á sua muda contemplação; depois, ouve-se um grande grito de alarme, e, ao mesmo tempo, o bravo e devotado Kurvenaldo entra precipitadamente, com o dorso voltado e brandindo a espada.

SCENA III. — Atraz delle, se apressam tumultuosamente, seguidos de alguns cortezãos, Melot e o rei Marke, que se detêm diante dos amantes, e os olham attentamente, com expressões diversas. Brangania correu para junto de sua senhora, que se voltou, e diante da qual Tristão, com um movimento instinctivo, estendeu o seu manto para occultal-a aos olhos dos que chegavam.

Melot se gaba, perante o rei, que permanece estupefacto por uma dolorosa surpresa, do serviço assignado que acaba de lhe prestar, e o qual o principe não

tem a triste coragem de agradecer. Está inteiramente entregue á profunda dôr que lhe causa a horrivel descoberta que acaba de fazer. Esse Tristão, que elle considerava como a encarnação da honra e da virtude, em que tinha posto a esperança dos seus velhos annos, recusando, até então, para lhe deixar um dia intacta a sua herança, tomar uma nova esposa, depois que a morte lhe roubara a primeira; elle, o sobrinho perfido, que conduziu a belleza maravilhosa a qual na sua adoração, o generoso rei respeitou, como se fosse um pae; elle ainda que, depois de ter tornado, pela posse desse thesouro, o seu coração mais sensivel á dôr, — lhe vem dar este horrivel golpe, e derramar na sua alma o cruel veneno da duvida, para com aquelle que elle mais amava no mundo. Por que tel-o precipitado nesse inferno, do qual nada o poderá arrancar de ora em diante? Tristão, que escutou as reprehensões do nobre principe com uma tristeza crescente, levanta para elle um olhar cheio de piedade. O seu segredo não o pode dizer. Ninguem o saberá jamais. Voltando-se em seguida para Isolda, que o contempla com olhos supplicantes, annuncia-lhe a sua partida para a sombria região onde sua mãe outróra o criou, na dôr e na morte. E' lá que elle offerece um asylo á bem amada, se ella o quizer seguir, para esse triste isolamento. Isolda responde-lhe que nada a impedirá de seguir os seus passos. Para isso, basta-lhe mostrar o caminho; seu amante a beija docemente na fronte; mas então, Melot, avançando raivoso, arranca da espada e provoca Tristão, que se põe em guarda. Suas armas se cruzam e Tristão, ferido pelo seu adversario, desfallece. Cae nos braços de Kurvenaldo emquanto Isolda, desvairada, se atira sobre o seu corpo.

III ACTO

SCENA I. — A scena representa jardins incultos, desolados, do velho solar de Tristão, “Kareol”, situado na Bretanha, sobre um penhasco á beira-mar. Ao longe, percebe-se a linha do horizonte, por cima dos muros meio derrocados e invadidos pela vegetação. Ao fundo, uma porta do castello feudal. No meio da scena, á sombra de uma grande arvore, a liteira sobre a qual repousa Tristão.

O desgraçado succumbe com a ferida que lhe abriu o trahidor Melot. O seu fiel Kurvenaldo o conduziu numa barca, expirante, até os dominios de seus antepassados, e o disputa á morte, esperando, com uma impaciencia torturante, a chegada de Isolda, que mandou buscar em Cornouailles por um servo devotado. Um pastor, que estava de vigia no alto do rochedo, para assignalar a chegada do navio que trazia Isolda logo que apontasse no horizonte, faz ouvir a sua flauta — uma melodia triste e dolente, a qual elle substituirá por tons alegres, se a vela, tão desejada, se mostrasse ao largo. Ao subir o panno, deixou por instante o seu posto de observação, e vem saber de noticias do seu senhor. Que mysteriosa e sombria aventura, o reduziu a um tão triste estado? Kurvenaldo recusa responder, e o envia de novo a sondar o horizonte deserto, onde nenhum barco apparecia. O pastor torna a tocar a melancholica melopéa, cujo rithmo tira o agonizante do seu mortal torpor. Não reconhece, a principio, os lugares que o circumdam. O bom Kurvenaldo o ajuda a reunir as suas lembranças. Mas, o unico pensamento, que se apresenta nitido, em seu espirito, é o de Isolda. Seu amor o reconquista por inteiro, chama, desvairadamente, a bem amada, e um fugitivo clarão de vida o reanima, quando o seu fiel servidor lhe promette a proxima vida

da adorada. Em sua febre, elle vê desfilar, diante dos seus olhos, toda a sua triste vida, sua vida infeliz, sua viagem nefasta á terra de Irlanda, e a bebida terrível, causa apparente de todas as suas desgraças. Sua exaltação vae crescendo, mas suas forças o traem, e elle cáe desmaiado. Kurvenaldo, apavorado, o reanima com difficuldade. Porque não chegava o navio, que trazia o alegria e a cura?

SCENA II. — Subitamente, uma alegre melodia se faz ouvir. E' o signal convencionado para annunciar a boa nova. Já Kurvenaldo, que, levado pelas instancias de Tristão, subiu ao alto da torre, vê tremular entre as velas, o pavilhão da alegria. E' Isolda que chega. O navio passou o cabo temido e entra no porto. A bem amada faz signaes, desce immediatamente, e Kurvenaldo vae recebê-la, deixando Tristão presa da maior agitação. O ferido, acreditando agora desafiar a morte, corre para a sua amiga. Infelizmente confiou em demasia em suas forças: ellas o abandonam, e Tristão cae moribundo nos braços da adorada.

A morte, chamada outróra com tanto ardor, attendeu-o afinal. A noite, venturosa adversaria do dia hostil, envolveu-o em seus veus. Ajoelhando-se perto d'elle, Isolda o enlaça docemente, pede para curar a profunda ferida, e supplica-lhe que prolongue a sua vida ao menos por uma hora. Vendo, porém, que o seu amante, estava surdo á sua voz, ella cae expirante, sobre o corpo daquelle a quem tanto tinha amado.

SCENA III. — Kurvenaldo assistiu, mudo de dôr, a esta scena desoladora. Os seus olhares não podiam despegar-se do corpo de Tristão. Ouve-se, nesse momento, um retinir de armas. O pastor corre para annunciar que um segundo navio acaba de entrar no porto. Uma grande confusão se estabelece então. Kurvenaldo, acreditando numa incursão hostil da parte do rei Marke, avança contra Melot, que entra em pri-

meiro lugar, e o mata. O fiel servidor de Tristão é ferido mortalmente na luta, e vem a morrer perto do corpo do seu senhor. Entretanto, tinha-se equivocado! O nobre e magnanimo rei, informado mui tardiamente por Brangania, dos desastrosos effeitos do philtro, emfim convencido de que somente a fatalidade tornara trahidores os dois seres que elle tanto amara, vinha trazer-lhes o seu perdão e unil-os para sempre. Reprehendeu carinhosamente Isolda por não lhe ter confessado tudo. Seria tão feliz se descobrisse a innocencia do seu amigo dilecto! A infeliz não o comprehende. De olhos esbugalhados, ella contempla os despojos mortaes de Tristão; mas a sua alma já se tinha evolado para perto do seu amante. Isolda expira, transfigurada pela morte bem aventurada, nos braços da sua fiel Brangania.

O rei Marke abençoa os cadaveres, no meio da emoção profunda de todos os assistentes.

(TRADUZIDO DO RESUMO DE
ALBERT LAVIGNAC).